

**A DESMISTIFICAÇÃO DA BATALHA DE TERMÓPILAS: UMA
DESCONSTRUÇÃO DA VISÃO CARICATA SOBRE O POVO PERSA¹**

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Licenciatura em História da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Ano.

**THE DEMYSTIFICATION OF THE BATTLE OF THERMOPILES: A
DECONSTRUCTION OF THE CARICATURED VIEW OF THE PERSIAN PEOPLE**

Jhin Morrisson Rodrigues de Oliveira^{II}

^{II} Acadêmico do curso Licenciatura em História da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: jhinmorrisson@gmail.com.

Resumo: Este artigo propõe uma análise comparativa entre os escritos clássicos de Heródoto sobre a famosa batalha de Termópilas e a visão da historiografia moderna através de autores como Nic Fields, com o intuito de desmistificar este conflito tão conhecido na cultura popular, permeado por mitos e atos heróicos, mas também por preconceitos e uma visão eurocêntrica, que retrata o império da Pérsia como um misto de extravagância, brutalidade e ignorância. Observando as evidências em contraste aos relatos de Heródoto, é possível apresentar corretamente os fatos e os povos envolvidos na batalha, bem como o contexto para tal invasão por parte dos persas. Ao longo do artigo se tornarão mais claras as relações entre gregos e persas, antes e durante o conflito conhecido como Guerras Médicas.

Palavras-chave: Gregos. Persas. Herodoto.

1 INTRODUÇÃO

O artigo tem como objetivo principal desmistificar a batalha de Termópilas no contexto das guerras médicas registradas nos escritos de Heródoto, bem como de contextualizar os principais povos envolvidos, sua cultura, sociedade e relações políticas. Busca-se também examinar de maneira crítica os escritos de Heródoto acerca desta batalha e de outros acontecimentos relacionados a ela, observando a relação entre mito e história na sua maneira de conduzir seus estudos. Por fim serão observados com uma visão mais realista os principais aspectos da batalha de Termópilas em si, como estratégias, equipamentos e comportamento dos protagonistas da batalha no decorrer dos três dias de combate. A aplicação da pesquisa direcionada por estes objetivos conduzem ao seguinte questionamento: **Como a desmistificação deste fato histórico pode valorizar o método de pesquisa baseado em diferentes evidências nos dias de hoje?**

Heródoto é considerado por muitos como o “pai da história”, seus relatos e registros possuem uma grande riqueza de detalhes. Não somente isso, mas também é dito que ele foi o primeiro a considerar estes fatos do passado como um problema filosófico e algo que poderia lhe trazer conhecimento sobre o comportamento humano. Estes méritos, porém, não tiram o fato de que em uma época distante e antiga, seus métodos de pesquisa e registro não se aproximavam da maneira como atua a história moderna, com a utilização de diferentes evidências e com um intuito de se aproximar ao máximo da realidade dos fatos. As narrativas de Heródoto também possuíam um caráter nacionalista, uma espécie de tentativa de unificar e

^{III} Especialista/Mestre/Doutor em História – Instituição. Professor (a) Titular na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

compilar a história grega, principalmente através de sua obra “Histórias”, posteriormente compilada em nove livros que abrangem desde a formação do império Aquemênida (considerado o primeiro reino do povo persa), suas invasões e conquistas ao território grego, finalizando na vitória dos gregos, expulsão e afastamento das fronteiras deste império conquistador. Diante disto, seus registros relacionados à batalha de Termópilas, onde os gregos liderados pelo rei espartano Leônidas lutaram e pereceram contra um massivo exército terrestre invasor, geraram diversos aspectos míticos que inclusive foram transpassados para a cultura popular. A história de Leônidas e seus 300 espartanos foi alvo de diversas adaptações ficcionais que parecem esquecer diversos fatores importantes sobre este fato histórico. Além disso, a caracterização dos persas entre os autores gregos e romanos ao longo da história transmitem uma visão preconceituosa que desmerece grandes aspectos positivos desta civilização que consolidou o primeiro grande império de nossa história. Esta visão infelizmente perdurou ao longo da história com os ideais eurocêntricos (já na historiografia romana) que cada vez mais foram afastando e estereotipando as diferentes culturas do mundo e tornando-as desconhecidas ou em caricaturas para a cultura popular. Observaremos que existem muitos aspectos parecidos entre os protagonistas desta batalha, os persas e espartanos, no contexto cultural e militar.

Para trabalhar este assunto de maneira crítica, como propõe o artigo, será utilizado o método de abordagem dedutivo, de acordo com Ramalho e Marques (2009) este método parte de premissas particulares em direção às premissas mais gerais. Quanto ao método de procedimento a pesquisa será de caráter comparativo, já que através de diferentes autores e suas respectivas épocas, se buscará verificar semelhanças e divergências.

A pesquisa em si será exploratória e bibliográfica, como ilustra Gil (2002, p.44) “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, construído principalmente de livros e artigos científicos”.

2 OS PROTAGONISTAS EM COMBATE

Para compreender melhor o conflito através de uma visão mais científica se faz necessário conhecer as principais culturas que influenciaram os aspectos da batalha, sendo estes os espartanos (liderando os gregos) e os persas (liderando uma variedade grande de povos súditos). A sociedade espartana era muito peculiar dentro do contexto de civilização grega e contava com diversos aspectos interessantes, tanto na sua formação social como na sua estrutura política e econômica. O mesmo pode ser dito dos persas, que habitavam o planalto iraniano e em um curto período de tempo conquistaram os povos ao seu redor e solidificaram uma estrutura extremamente organizada para manutenção e crescimento de seu império.

2.1 Caracterizando a Sociedade e Cultura Espartana

Para que se possa compreender e diferenciar os fatores mitológicos e realistas do evento ocorrido no desfiladeiro de Termópilas, é primeiro necessário identificar os personagens envolvidos no conflito. É importante ressaltar que o conflito em geral as Guerras Médicas (assim chamadas devido a ideia errônea de que persas e medos eram o mesmo povo/etnia) envolve uma variedade muito grande de povos gregos e também diferentes povos conquistados pelo império persa. Como o artigo propõe a análise exclusiva da batalha de Termópilas, os gregos em foco serão os Espartanos, assim como os Persas serão também os protagonistas do lado oposto do embate. Dito isto, podemos começar a analisar a sociedade espartana e sua estrutura política, que possui um papel muito importante no contexto da organização das defesas gregas e sua tentativa de resistência contra o avanço das tropas persas.

Quando pensamos no estado espartano a primeira coisa que vem à mente é a concepção de grandes guerreiros, destemidos e que nunca recuariam de uma batalha, mesmo com a perspectiva da morte certa. No entanto, esta visão é muito apoiada na cultura popular (filmes, jogos eletrônicos e romances), além da influência eurocêntrica ao longo da história, sempre buscando enaltecer a cultura greco-romana. De fato, os soldados espartanos não costumavam se render em batalha, ainda assim, mesmo estes destemidos guerreiros acabaram por se render na batalha de Esfacteria, contra seus rivais atenienses, no contexto da Guerra do Peloponeso. Pontuo este fato apenas para iniciar a desconstrução do mito que sustenta em boa parte o que se compreende neste assunto.

Ainda que não invencíveis, os soldados espartanos eram construídos e moldados por um sistema rígido de educação desde a infância até a idade adulta. Para ilustrar as dificuldades do processo educativo e formação social desta cultura, Durant (1995, p. 66) afirma que:

Para inculcar nos homens um ideal tão contrário à natureza humana, foi necessário tomá-los ao nascer e formá-los sobre a mais rigorosa disciplina. O primeiro passo constituiu numa implacável eugenia; não só a criança tinha de enfrentar, de início, o direito paterno de infanticídio, como ainda ser apresentada perante um conselho estadual de inspetores; e toda criança que parecesse defeituosa era lançada do alto de um penhasco do Monte Taigeto, indo despedaçar-se contra as rochas no fundo do abismo. Outro processo de eliminação resultava, provavelmente, do hábito espartano de acostumar as crianças ao frio e ao desconforto.

É necessário complementar que a força e saúde dos soldados desta sociedade estava muito mais relacionado ao regime de treinamento e modo de vida rústica, do que à política de eugenia. Podemos fazer um paralelo desta concepção da antiguidade grega com aspectos do ideal nazista durante a Segunda Grande Guerra, o que torna ainda mais absurda esta perspectiva nazista, dadas as diferenças de período histórico e estrutura social entre estes estados.

Aos sete anos, os meninos espartanos iniciavam o que os historiadores denominam “A agoge”, um período de treinamento onde estas crianças eram separadas de suas famílias para aprender a viver e suportar as condições mais difíceis. É interessante pontuar que Fields (2006) demonstra que existem divergências entre os escritores gregos Plutarco e Xenofonte, sobre a idade em que se iniciava a agoge, entre 7 e 14 anos, respectivamente.

Neste processo, os jovens frequentavam uma espécie de regimento militar e escola, ainda assim sua alfabetização era básica e concentravam-se nos estudos da arte da guerra. Outro fato curioso é o incentivo dos supervisores (Paidonomos) à combates e rivalidades entre as crianças, já que eles acreditavam que isso testava e aprimorava constantemente as habilidades de seus futuros soldados.

Durante o período de formação militar, os jovens que demonstravam bons resultados e comportamento, participavam das refeições públicas, onde se discutia, entre outros temas, a política, sendo assim, os jovens observadores deveriam extrair conhecimento sobre o que Durant chama de “arte da boa conversação”.

Em meio às dificuldades, fome, açoitamentos, combates e treinamentos os jovens espartanos, aos poucos, tornavam-se engrenagens fortes para uma máquina de guerra. Apenas aos 30 anos de idade os homens recebiam seus direitos políticos e eram considerados cidadãos, ainda que já atuassem na profissão militar. O aprendizado até então era direcionado para a compreensão e respeito às leis espartanas e a disciplina militar em combate.

Para as meninas não se aplicava a agoge, porém, ainda recebiam educação marcial e de atletismo, incluindo as modalidades: lutas, arremesso de disco e lançamento de dardo. Tudo isso também com o mesmo intuito de “produzir” homens e mulheres saudáveis para o estado espartano. Ainda assim, a estrutura política atuava com os mesmos conceitos machistas, onde apenas os homens teriam acesso aos direitos políticos, assim como na maioria das sociedades da época, e até um período recente da história da humanidade.

Um aspecto muito interessante desta cultura, era a liberdade sexual que os cidadãos espartanos possuíam, de maneira que o homossexualismo entre os jovens soldados não era condenado, em um cenário social onde, entre os jovens soldados, “Quase todos tinham um homem mais velho como amante...” (DURANT, 1995, p.68). Este é um aspecto que desconstrói em parte, a imagem dos espartanos muito utilizada por movimentos conservadores modernos que possuem uma interpretação irreal e romantizada desta cultura da antiguidade. Estes movimentos parecem associar a moral cristã ocidental, em relação à sexualidade, com os “poderosos” e “masculinos” espartanos, sem levar em consideração como de fato era a moral sobre sexualidade desta cultura.

Este modelo cultural para produzir os melhores soldados do mundo antigo, custou à cidade-estado grega, a tão respeitada democracia ateniense. Esparta era caracterizada como uma Diarquia, um estado governado por dois reis de linhagens diferentes. O poder era dividido também com outras instituições que funcionavam como conselhos, cada um com sua função definida, sendo estes: a gerousia, apella e os éforos. Esta sociedade que em um primeiro olhar pode parecer horrível e autoritária, possuía muitas características interessantes. A pirâmide social espartana era composta por 3 classes diferentes. No topo estavam os cidadãos conhecidos como Dórios, o povo que dominou através da força as populações da região, abaixo estavam os Periécicos, moradores dos arredores das cidades, homens livres que muitas vezes desempenhavam a função do comércio. Na base da pirâmide estavam os Hilotas, o povo originário da região que foi dominado pelos Dórios, estes eram considerados escravos, porém, se analisarmos a relação entre os dois grupos, é possível compara-la a servidão medieval. Os hilotas cultivariam as terras possuídas pelos Dórios e a maior parte das colheitas ficaria com estes, enquanto os Hilotas mantinham a quantidade apenas de subsistência.

É necessário apontar que nem sempre essa sociedade viveu sob este modelo, já que anteriormente a constituição de Licurgo, documento também chamado de código espartano, os cidadãos de Esparta eram muito próximos das artes, tendo grandes poetas inclusive, mas que estes aspectos foram esquecidos durante o processo de militarização completa da sociedade. Para criar soldados aptos e prontos para guerra a qualquer momento, foi necessário que se deixasse de lado a proximidade com as artes, descaracterizando esta sociedade do “padrão” de civilização grega.

Em suma, o modelo de sociedade desenvolvido pelos Dórios, era muito útil para a organização militar e dominação sobre os Hilotas, garantindo seu subsídio e produção econômica. Em Esparta, podemos dizer que sim, formavam-se os melhores soldados, mais obedientes e organizados. Sua superioridade militar se apresentava nos confrontos de exércitos, onde a sua falange atuava de maneira mais eficiente, encabeçada por generais que ditavam ordens seguidas imediatamente pelos seus subordinados. Para conquistar estes benefícios militares e o poderio da região do Peloponeso, os espartanos tiveram de sacrificar o desenvolvimento intelectual e artístico em sua sociedade.

Outro fato importante a ser lembrado, é que mesmo sendo uma sociedade que respeitava fielmente suas leis, a corrupção não deixou de agir na esfera administrativa através da ganância por riquezas. Como ilustra Durant (1995, p.69):

Mas a ambição humana não se deu por vencida; e encontrou válvula na corrupção oficial. Senadores, Éforos, enviados, generais e reis eram igualmente vendáveis a preços que variavam de acordo com o grau de dignidade de cada um.

Assim, mais uma vez, podemos já desmistificar alguns aspectos da cultura grega, que por vezes é tratada como superior, frente a outros povos, impérios e civilizações do mesmo período, no mediterrâneo, Ásia oriental e África, que possuíam uma cultura muito rica e também foram exemplos de civilização. Esta contextualização também demonstra as capacidades militares da cidade-estado grega que tomou a frente da batalha de Termópilas, liderando soldados de outras partes da Grécia.

2.2 Caracterizando a Sociedade e Cultura Persa

Para continuarmos o raciocínio de desmistificar a batalha de Termópilas, é necessário primeiro desmistificar as ideias gerais sobre os povos envolvidos. Já foi possível observar peculiaridades da sociedade espartana que diferem do imaginário cultural popular, que influencia inclusive movimentos conservadores modernos, como o grupo “300 do Brasil”^{IV}, cuja atuação política demonstrou tendências fascistas e uma visão romantizada sobre os 300 de Esparta, como se estes fossem as vítimas do cruel e corrupto império Persa.

As ideias de um império persa regado à libertinagem, intrigas e pouca civilidade não estão no imaginário popular à toa. De acordo com Hicks (1994) por muito tempo houve uma má interpretação sobre o império persa por parte dos historiadores gregos e romanos, e isso fica evidente quando observamos as obras de Heródoto, que são também objetos de estudo deste artigo. Propagou-se através destes historiadores clássicos, o pensamento eurocêntrico em torno deste conflito, que é muito mais complexo do que uma simples relação de opressor e oprimidos.

Para compreender-se mais sobre a cultura da Pérsia, foram necessários estudos de evidências arqueológicas, que contrapõem essa visão clássica e eurocêntrica. Muito conhecimento foi retirado das ruínas da capital Parsa (Persépolis), onde outrora consolidou-se um grande centro comercial que interagiu com as mais diversas culturas e povos.

O povo persa é originário da região atual do Irã, também chamado de planalto iraniano. Nesta região não viviam apenas os persas (etnia) mas também o povo Medo, que popularmente é confundido com os próprios persas. Os persas na verdade subjugarão os medos, por isso,

^{IV} Grupo de extrema direita brasileiro, cujas lideranças promovem ideias de caráter fascista e autoritários. Suas principais pautas incluem o fechamento do congresso e intervenção militar no regime democrático atual.

fazendo parte do início da expansão do império, os medos acabam sendo generalizados como persas.

Quem tomou a frente dos persas na conquista dos medos e posteriormente dos outros povos vizinhos, foi a família ou dinastia Aquemênida, cujo o primeiro líder foi Ciro. Ciro é citado inclusive em textos bíblicos, e foi conhecido por suas conquistas e expansão do que o mundo conheceria como o primeiro grande império da antiguidade.

Apesar do caráter expansionista deste império, sua conduta perante os povos conquistados era de alta tolerância aos aspectos culturais e religiosos de cada nação. Havia uma relação parecida com o conceito de vassalagem medieval. Os povos conquistados deveriam arcar com impostos para a capital, e auxiliar os exércitos em tempos de guerra, mantendo suas políticas, deuses, templos e material cultural. Este é outro exemplo das concepções errôneas que enxergaram por muito tempo este povo como bárbaros cruéis e escravistas.

É um fato impressionante que a ascensão do império persa ocorreu em um período muito curto, cerca de 30 anos. A língua oficial na época era o Aramaico, e em pouco tempo, o império já se estendia por 3 milhões de quilômetros quadrados com uma população de aproximadamente 10 milhões de habitantes.

A única maneira de manter um império tão vasto em funcionamento era através de um sistema de comunicação avançado e um governo muito bem estruturado. Para ilustrar esta organização impecável podemos observar o exemplo das estradas imperiais, que cortavam todo o império ligando os principais centros comerciais daquele tempo. Ao longo destas estradas mensageiros transportavam informações através de pontos de controle, de maneira que enquanto um descansava outro continuava até o próximo ponto, e assim por diante. Todos estes fatores contribuíram para a rápida ascensão dos persas e também para a manutenção deste complexo império.

No que diz respeito a cultura religiosa, a cultura persa possuía (juntamente com outras tradições) uma das religiões monoteístas mais antigas do mundo, o Zoroastrismo. Esta religião surge com o profeta Zaratustra ou Zoroastro, e acreditava que o deus Ahuramazda era o criador dos céus, da terra e dos homens. Os adeptos desta tradição religiosa seguiam os preceitos e valores descritos no “Avesta”, que seria o conjunto dos textos sagrados do profeta já mencionado.

Um aspecto interessante da cultura persa, que pode ser comparado à cultura espartana, são os ideais de educação. Assim como os espartanos estavam interessados na educação marcial e das leis, os persas também direcionavam seus estudos para a arte de montar cavalos, atirar

com o arco (arma pela qual o império é sempre lembrado) e dizer a verdade, que pode ser entendido também como um ideal de profundo respeito às leis.

Outro paralelo a ser feito com a cultura espartana é a pouca valorização das artes e ciências dentro do império, conforme ilustra Hicks (1994, p.10):

A originalidade nas artes e nas ciências foi largamente abandonada a outros; eles ficavam satisfeitos em se apropriar dos melhores adornos de seus escravos e reformavam-nos a seu gosto.

Observando estes elementos podemos perceber que de fato, os protagonistas da batalha de Termópilas não são tão opostos em relação aos valores culturais e aspectos de suas sociedades.

No que diz respeito aos aspectos do exército (Spada em persa antigo) que provinha de tamanho império, podemos observar uma excelente organização militar, contando com unidades diferenciadas, cada uma comandada por um militar com patente específica. Mesmo para o período e em comparação com os gregos, os persas estavam muito à frente no quesito de estrutura militar. De acordo com Fields (2006, p.35):

A organização da spada baseava-se num sistema decimal, muito superior a tudo no mundo grego, que não foi utilizado em nenhum exército asiático até à chegada dos mongóis e das <<temíveis hordas>> conduzidas por Gengiscão.

Um elemento muito importante para a Spada era a sua poderosa cavalaria, que como já observamos anteriormente, estava muito ligada aos valores e a cultura persa. Eram excelentes cavaleiros e o mais impressionante é que não utilizavam selas, estribos ou qualquer equipamento “tecnológico” para montar. No máximo eles utilizavam mantas acolchoadas como assento. As ferraduras também eram deixadas de lado, considerando que o clima seco do planalto iraniano ajudava a reforçar os cascos dos animais. Como a educação militar estava muito relacionada a cavalaria, os persas eram treinados desde seus 20 anos, para atirar com arco, lutar com dardos e espadas curtas, “tanto a pé como a cavalo”, nas palavras do próprio Dário.

Além deste aspecto, algumas evidências arqueológicas encontradas em regiões que eram de domínio dos Medos, posteriormente conquistados pelos persas, demonstram o verdadeiro apreço e prestígio dos cavaleiros na região. Através de expedições arqueológicas foram encontradas estátuas de bronze, que representavam um guerreiro e dois cavalos abaixo deste. Isso demonstraria a alta posição na sociedade que um cavaleiro ocupava, mais um indício da valorização deste animal na cultura persa.

Esta cultura, no entanto, pode estar muito relacionada a integração dos medos ao império, ainda na época de Ciro o grande. De acordo com Fields (2006, p.41):

Provavelmente, a primeira cavalaria persa foi criada a partir da excelente cavalaria dos seus vizinhos medos.

A Média, com os seus céus amplos e as suas exuberantes planícies, era famosa por uma raça de cavalos pardos e cinzentos que nelas pastavam: eram os chamados cavalos nicenos, famosos pela sua velocidade e resistência.

Os persas, assim como os espartanos, demonstraram por diversas vezes habilidade estratégica em batalhas importantes. Ciro utilizou de sua astúcia para encurralar os rivais lídios, liderados por Cresos (560 a.C. – 546 a.C.). Os lídios eram conhecidos por uma forte cavalaria, que rivalizava com a persa/meda. Ciro reconhecia isto, além de saber que os cavalos possuíam um medo instintivo de camelos. Juntando estes dois fatores, o grande rei ordenou que formassem uma unidade de camelos na linha de frente, fazendo com que os cavalos Lídios batessem em retirada, encurralando suas tropas dentro da cidade e iniciando um processo de cerco. Uma estratégia bem executada que com certeza evitou muitas baixas de seu exército.

Quanto a arquitetura os persas, assim como seus rivais gregos, possuíam grandes arquiteturas, como demonstram evidências físicas datadas do século IX a.C. escavadas em Hasanlu. Estas ruínas demonstram um templo muito complexo, com diversas câmaras incluindo um santuário para práticas religiosas. Tudo isso de maneira organizada e bem distribuída, como demonstra o **anexo A**.

Através de todos estes elementos culturais e sociais demonstrados, percebe-se que o império da Pérsia, pouco se assemelha com as má interpretações difundidas pelos gregos e romanos, que não pareciam enxergar as similaridades em alguns aspectos entre os dois povos, afinal, para os helenos, todos os povos não falantes do grego, ou do latim para os romanos, eram considerados bárbaros, e assim, inferiores. Os Persas contribuíram em muitos aspectos para o desenvolvimento das civilizações com uma estrutura política e econômica muito à frente de seu tempo, além de não ficar para trás no quesito arquitetônico e demonstrar uma excelente disciplina e organização militar. Muito do que se compreende dos persas está relacionado a Xerxes, que já comandava um império em decadência. É necessário lembrar-se de Ciro e seus feitos, além de observar a relação gregos e persas como uma disputa de interesses econômicos e políticos, ao invés de uma dualidade entre bem e mal. A relação entre estes dois povos é complexa e é mais antiga do que as guerras médicas, Hicks (1994, p.11) indica que:

Na verdade, a relação entre a Grécia e suas colônias no Norte da África e Ásia Menor e a história da Pérsia é realmente muito íntima, já que durante o período de ascendência persa a maré da civilização grega subiu muito rapidamente. Os mercadores gregos eram os rivais mais diretos dos persas - fato que levou às guerras entre a Pérsia e os estados gregos, que acabou resultando na derrota do Império. Por causa desse conflito de interesses acentuado, o preconceito dos escritores gregos em suas referências à Pérsia é frequentemente muito perceptível, de modo que o leitor moderno deve tentar compensar esses pontos de vista.

De acordo com Martin (1996) as tentativas diplomáticas se iniciaram por parte dos atenienses. Na última década do século VI, as cidades-estados Esparta e Atenas já atuavam em certa rivalidade, já que os espartanos neste período tentaram reprimir as reformas democráticas atenienses. Assim, as lideranças atenienses julgaram necessário buscar aliados para adquirir vantagem diante dos rivais gregos, recorrendo ao império persa que já dominava partes do mundo grego, como a Anatólia.

Assim, fica mais clara a necessidade de se observar este fato histórico com lentes menos eurocêntricas, respeitando a complexidade das relações entre os povos envolvidos. O reflexo que a difusão deste olhar antiquado produz é uma visão preconceituosa que perdura até os dias de hoje sobre os povos da região do Oriente Médio, popularmente generalizada como uma cultura única e atrasada. O próprio império persa era constituído de uma amálgama de povos, tradições religiosas, costumes e etnias, não podendo ser reduzido a um simples grupo de bárbaros. É nesta direção que este artigo busca desmistificar o conflito ocorrido no desfiladeiro de Termópilas, bem como, já dito antes, os protagonistas envolvidos.

3 A VISÃO DE HERÓDOTO SOBRE O CONFLITO

Já observamos o contexto cultural dos principais povos envolvidos nesta batalha pela visão de diferentes autores modernos, de maneira a enxergar mais profundamente as relações entre gregos e persas durante o período. Agora se faz necessária uma análise da visão de Heródoto em seus escritos clássicos, para a compreensão e desconstrução dos mitos que perduraram ao longo da história, bem como o apontamento dos fatos corretos descritos pelo pai da história em sua obra.

É de suma importância ressaltar que, estes mitos e a maneira como foram difundidos na época em que Heródoto escreveu seus relatos são reflexos do período em que foram escritos, sua cultura e também a intenção de construir uma identidade grega. Não cabe aos historiadores da atualidade julgar os escritos clássicos com as lentes da ciência moderna. Porém, é possível apontar as inconsistências em suas informações para alcançar uma visão mais próxima do real, dentro dos fatos descritos pelo pai da História. Com o intuito de criar esta identidade, Heródoto busca contrastar os povos estrangeiros (neste caso os persas) com a realidade cultural grega da época, daí surgem os aspectos que serão apontados a seguir neste estudo.

Alguns aspectos marcam a tendência de Heródoto em contar os fatos de maneira mais mítica e heroica do que uma simples constatação de evidências históricas. O primeiro aspecto é a questão dos números de tropas, tanto os relacionados aos persas quanto aos gregos. Se observarmos algumas afirmações de Heródoto em sua obra Histórias, mais precisamente do

livro Polímnia, onde o autor narra os fatos ocorridos na batalha de Termópilas, podemos perceber que o mesmo atribuía números desconhecidos e até mesmo impossíveis para o grande exército de Xerxes. Vejamos o que diz Heródoto (2013, n.p) sobre o número de seus invasores:

Ignoro o número exato de tropas que cada nação forneceu a Xerxes, mas, ao que se afirma, o exército de terra somava um milhão e setecentos mil homens. Eis como foi feita a contagem das tropas concentradas no local. Reunindo um corpo de dez mil homens em determinado espaço juntando-o o máximo possível, traçaram um círculo em torno. Em seguida, fizeram sair dali esse corpo de tropas e ergueram em torno do círculo um muro à altura do umbigo. Isso feito, mandaram entrar outras tropas no local já murado, e depois outras e outras mais, calculando, por esse processo, o seu número. Feita a contagem, dispuseram-nas por ordem de nação.

É fato que o exército regular de Xerxes possuía soldados de todos os cantos e nações de seu vasto império, no entanto, estes números exagerados iriam requerer uma logística impossível para alimentação, equipamento e deslocamento destas tropas, já que os mesmos, como o próprio Heródoto (2013) aponta, atravessaram o Helesponto (estreito no noroeste da atual Turquia que liga o mar Egeu ao mar de Mármara) em uma ponte construída com navios da frota persa. Esta informação de Heródoto sobre os persas pode ser considerada um dos primeiros mitos difundidos para a cultura ocidental, ilustrando uma ameaça muito maior do que a que realmente enfrentaram as cidades estado gregas. Se o número real do contingente persa fosse próximo a este, os gregos seriam consagrados como guerreiros divinos por conseguir derrotá-los em Plateia e, em parte, na cultura e imaginário popular eles foram reconhecidos desta forma.

Outro aspecto que demonstra a inclinação mítica de Heródoto diante dos fatos narrados por ele são os presságios e previsões de oráculos como fatores importantes para o processo histórico. Em alguns momentos de seus relatos o autor apresenta estes fenômenos como factíveis, ainda que não apresente qualquer evidência que os comprovem, ainda assim, estamos partindo de uma análise mais crítica do seu método, compreendendo que este método é reflexo da época em que não haviam parâmetros para a produção historiográfica. Vejamos um exemplo onde Heródoto (2013, n.p) ilustra este aspecto:

Quando terminou o desfile das tropas, verificou-se um fenômeno, a que Xerxes não deu nenhuma importância: uma égua deu à luz uma lebre. Isso queria significar que o soberano levaria à Grécia, com muito fausto e ostentação, um exército numeroso, mas que voltaria ao ponto de partida, forçado que seria, por motivo de saúde, a bater em retirada.

Pode-se perceber a falta de evidências na maneira que Heródoto declara como fato a ideia de uma égua parir uma lebre, além de relacionar o acontecimento à um presságio que indicava a derrota dos persas. É importante ressaltar, no entanto, que Heródoto também colocava sob análise crítica alguns mitos gregos, como o herói Hércules, apontando as façanhas

impossíveis do personagem. Como Condilo (2018) aponta, Heródoto estava em um processo de transição na maneira de se contar histórias, buscando apresentar os fatos de acordo com suas evidências, que se baseavam muitas vezes em relatos da tradição oral. Ainda assim, Condilo (2018, p.21) demonstra que:

Embora Heródoto utilize *historie* para examinar histórias fabulosas, ele não parece ter problemas em acomodar elementos extravagantes no seu relato sobre as localidades e costumes de outros povos, tais como no caso das formigas gigantes que coletavam ouro para os indianos (Hdt. 3.102) ou no das serpentes aladas que tomavam conta das árvores de olíbano na Arábia (Hdt. 3. 107).

Portanto, sua visão mística se aplicava mais aos povos estrangeiros, complementando a informação de Fields (2006) sobre perspectiva distorcida dos gregos em relação aos persas e sua cultura. Tal visão comumente ilustrava o imperador Xerxes e sua corte como um ambiente de intrigas, avareza e luxúria, como se fossem algo oposto ao conceito de civilização grego.

A maneira com que Heródoto apresentava estas informações sobre o governante persa e sua corte era através de longos diálogos e discussões, que supostamente teriam ocorrido antes e durante o conflito (Guerras Médicas) são um terceiro aspecto que demonstram novamente o lado mítico de suas obras. Como teria Heródoto conseguido detalhes tão específicos destas conversações que ocorriam na presença do grande rei e os comandantes de seu exército? É importante lembrar que Heródoto descreveu estes fatos muitos anos após o término do conflito e o mesmo não cita evidências escritas em que tenha se baseado para realizar tais afirmações. Com certeza, no período em questão, a tradição oral era considerada uma fonte para a produção de tais relatos, por isso não podemos cometer um anacronismo, ainda assim, deve-se perceber estes diálogos como algo que não reflete totalmente a realidade.

A exemplo disso, Heródoto discorre por diversas páginas sobre um diálogo entre Xerxes e Artábano, seu tio por parte de pai, onde este teria tentado persuadir o grande rei a não guerrear contra os gregos. Neste trecho Heródoto parece demonstrar, através das falas de Artábano, a grandeza dos povos gregos em combate, a todo momento Xerxes é arrogante e ambicioso em seus comentários, enquanto seu tio pede cautela e reforça a possibilidade de derrota em sua empreitada. É um diálogo muito detalhado e até teatral em minha perspectiva, parecendo uma forma de tornar o fracasso da conquista persa mais enfático, já que, teoricamente Xerxes teria sido avisado e aconselhado, por vários de seus súditos importantes, a retornar e abandonar seu projeto de expansão do império. É importante ressaltar que é sim plausível que comandantes militares experientes de uma grande potência militar tomariam uma postura cautelosa e não arrogante perante seus adversários, no entanto, aponto apenas para a inconsistência do diálogo em si, sendo este muito detalhado para o contexto de um historiador

replicando a informação décadas depois do ocorrido, em um período onde as fontes, como já foi apontado, eram em maioria da tradição oral.

Em suma, os diálogos e monólogos ilustrados por Heródoto, não podem ser considerados como evidências científicas, ainda que cumpram um papel de conduzir os leitores mostrando aquilo que Heródoto considerava o mais plausível ou provável em meio aos acontecimentos verdadeiros. Como Condilo (2018, p.21) explica:

Contudo, elas constituem uma forma elaborada através da qual Heródoto tenta compensar a ausência de evidências em seus argumentos ao apelar para uma apresentação realística de conjecturas como prova de sua honestidade intelectual e comprometimento com a pesquisa.

De certa forma, o fato de estas afirmações de Heródoto serem tomadas como razoáveis ou plausíveis, reflete a realidade e cotidiano da audiência de seus relatos na época. Afinal, primeiramente ele estaria registrando estes conhecimentos para os próprios gregos, por isso sua percepção dos acontecimentos era naturalmente de um grego para gregos.

Mesmo considerando estes aspectos apontados sobre as narrativas de Heródoto, podemos sim observar diversos fatos de suas obras que corroboram com outras evidências físicas, como documentos oficiais persas e gregos sobre os conflitos, escavações nos locais onde o autor afirma ter ocorrido a batalha de Termópilas e a própria inscrição de Behistun, que demonstra as diversas conquistas do povo persa, mostrando que os povos apontados por Heródoto como membros deste exército, de fato estavam presentes no conflito (ainda que em menor número).

Heródoto discorre muito sobre os equipamentos bélicos e vestimentas das divisões do exército persa, de maneira coerente, na maioria das vezes. É muito interessante que o próprio Heródoto aponta por diversos momentos as limitações e vantagens dos armamentos persas. Mais à frente veremos que o autor Nick Fields, demonstra evidências que comprovam as afirmações acerca destes armamentos. Heródoto muito discorre sobre os “dardos curtos”, “adagas curtas” dos persas e seus povos subordinados.

Os gregos por outro lado utilizavam de lanças compridas, os espartanos especialmente com suas lanças de 2,5 metros. Em qualquer tipo de combate, a distância e alcance são fatores fundamentais para a vantagem ou desvantagem dos envolvidos, Heródoto demonstra, implicitamente, que na média distância os gregos levariam vantagem por suas lanças atingirem primeiro os inimigos munidos de adagas e dardos curtos. Entretanto, o pai da história também discorre sobre o poder dos arcos persas, que garantiam a vantagem na longa distância, já que os gregos utilizavam o arco voltado para a caça, não em uma divisão inteira de suas tropas.

Heródoto lembra do poder dos arqueiros persas em um diálogo famoso, onde um grego afirma que os persas eram tão numerosos que suas flechas escureciam o sol ao serem disparadas.

Podemos considerar então, que acerca das tropas e armamentos utilizados, Heródoto registrou de maneira correta os fatos da batalha no desfiladeiro. De fato, o arco, assim como a cavalaria, era muito valorizado na cultura persa, visto que, até nas moedas oficiais do império a imagem do arqueiro era representada. Heródoto também descreve de maneira correta a cadeia de comando no exército, com unidades maiores de 10.000, 1.000, 100 e 10 soldados, cada uma delas liderada por um comandante específico, veremos com detalhes estes aspectos militares mais adiante.

Heródoto fala também sobre a temida divisão dos Imortais, uma unidade de dez mil homens à parte do grande exército. No que discorre sobre eles, o autor apresenta um ar mítico também, com suas armaduras diferenciadas e adornadas por diversas peças de ouro. Traziam concubinas e servos que, de acordo com Heródoto estavam “soberbamente” trajados, reforçando a imagem de luxúria e riqueza exagerada, onde até os servos dos imortais estariam portando ornamentos de ouro. Ele também relata que os suprimentos e animais desta divisão estava separada das provisões do exército regular, tamanha era sua importância para o imperador. De fato, os imortais foram uma divisão do exército muito importante que teve papel crucial na vitória dos persas nas Termópilas, apenas evidencio a caracterização específica que Heródoto lhes atribuía.

Após a contagem e explicação sobre as tropas de Xerxes, terrenas e marítimas, o autor retorna a utilizar de diálogos para contextualizar (de maneira eurocêntrica) a relação e diferença entre os gregos e persas. Em dado momento o imperador Xerxes questiona um de seus súditos gregos, Damarato, sobre o que ele deveria esperar de seus compatriotas. A descrição gloriosa de Damarato sobre a liberdade, honra e habilidades dos gregos era provavelmente belíssima para os olhos e ouvidos da audiência de Heródoto. Xerxes replica seu súdito dizendo que o fato de os gregos serem livres, sem um mestre lhes dando ordens e punindo-os, diminuía seu potencial de marchar contra números tão superiores de seus inimigos. Ou seja, na visão de Heródoto o imperador considerava seu exército capaz apenas por temerem seu chicote e suas punições, desconsiderando qualquer espírito guerreiro ou patriótico que os persas poderiam sentir. Se os gregos lutavam por suas terras, mesmo não unificados e rivalizando entre si, por que motivos os persas não teriam o mesmo sentimento de lutar por sua pátria, que já havia sido unificada muito antes? Em minha visão, isso apenas desumaniza o povo persa em geral, tanto seus soberanos quanto seus súditos que, através da contextualização que este artigo apresenta, demonstraram-se ao longo da história como importantíssimos desenvolvedores da civilização.

Em suma, analisando as afirmações feitas por Heródoto refletem sim os fatos e acontecimentos da batalha de Termópilas, apenas são descritos através de um método que se distancia da história moderna. Seu intuito de se aproximar ao máximo daquilo que considerava mais plausível e próximo da realidade, é conhecido, de acordo com Condilo (2018) como um argumento *Eikos*, característico da filosofia **sofística ou sofista**, onde o autor preenche certas lacunas com este entendimento de provável ou possível de acordo com sua realidade. Neste sentido é necessário valorizar os esforços de Heródoto em reunir os conhecimentos acerca dos conflitos nas Guerras Médicas e outros eventos, bem como é importante observar estes estudos com um olhar científico e politizado, percebendo as inconsistências e certos preconceitos em relação aos povos estrangeiros, mais precisamente do Oriente Médio, que foram difundidos talvez não intencionalmente, para as culturas ocidentais no futuro. Desta forma a academia precisa revisitar também seus escritos clássicos para desempenhar este papel, humanizando os personagens e povos envolvidos para que se tenha uma compreensão mais próxima do real e não ideal.

4 A BATALHA DE TERMÓPILAS

Após a contextualização dos principais povos envolvidos e a análise da visão de Heródoto sobre as Guerras Médicas em geral, se faz necessário analisar de maneira científica e crítica os acontecimentos da batalha de Termópilas, através dos estudos da história moderna e das evidências encontradas por esta área de conhecimento. Muitas das informações proporcionadas por Heródoto sobre esta batalha são utilizadas como referência nas obras de autores modernos, ainda assim, são colocadas em contraste com diferentes evidências arqueológicas que corroboram ou conflitam com seus estudos clássicos.

Para contextualizar a batalha no desfiladeiro das Termópilas, é preciso compreender a situação dos comandantes dos exércitos em confronto, bem como suas tropas. De um lado temos Leônidas, um dos reis de Esparta, que possuía a noção de que os persas como adversários militares eram um perigo iminente que requereria planejamento e a utilização de toda a estrutura militar de sua cidade-estado para ser combatido. Do outro lado temos o grande rei Xerxes, um dos vários filhos de Dário, que chegou ao poder de uma forma inusitada, já que ele não era o primogênito entre seus irmãos, mas sim o primeiro filho de Dário após a sua ascensão ao trono. Sendo assim, o jovem imperador possuía muitos motivos para afirmar sua posição diante de seus irmãos, o melhor caminho para isso seria dar continuidade aos planos de seu pai, de conquistar os gregos em sua totalidade, principalmente pelo fato de Dário ter sua primeira

investida repelida pelos atenienses nos campos de Maratona. Além desta auto afirmação como imperador, Xerxes também poderia conquistar outras vantagens ao conquistar as terras gregas.

O império possuía a intenção de solidificar o domínio sobre os estados gregos da Anatólia, para isso, era necessário garantir que não haveria apoio dos povos da Grécia continental em revoltas dessas regiões já conquistadas. Em suma, não se deve reduzir as intenções do império persa à ambição e crueldade do grande rei da Pérsia, como parece se direcionar a visão ocidental sobre o conflito.

Previamente à batalha de Termópilas, é dito pelos escritores clássicos, que Leônidas teria recebido a visita de mensageiros persas, pedindo a rendição e submissão de Esparta ao “rei dos reis” da Pérsia. Ao lembrar-se dos esforços atenienses, é provável que a cultura orgulhosa dos espartanos levou Leônidas a recusar tal pedido, declarando guerra oficialmente ao império persa. Com esta resposta, o rei de Esparta prepara seus planos para conter o avanço de seu inimigo. A explicação para o baixo contingente espartano nesta batalha específica (Termópilas) é de um fator religioso e cultural, a celebração das “Carnéias”, festividades que ocorriam em honra ao deus Apolo. Sendo assim, Leônidas segue com seu pequeno regimento de 300 homens, bem treinados e experientes na arte da guerra, para o desfiladeiro de Termópilas.

É um aspecto importante também para o entendimento deste embate os equipamentos e armamentos utilizados pelos dois exércitos envolvidos, por isso, irei destacar estes elementos das tropas espartanas (e gregos) e persas respectivamente.

Fields (2006) discorre em detalhes sobre as características dos equipamentos gregos, demonstrando que os espartanos, assim como os demais hoplitas gregos, possuíam em seu arsenal um escudo grande e redondo, de diâmetro aproximado a um metro, este equipamento era construído com madeira mas possuía uma fina camada de bronze na parte frontal, com o intuito de reforçar a defesa contra cortes laterais e estocadas de flechas ou lanças. Para armadura os gregos utilizavam um corselete, que poderia ser produzido de dois materiais: bronze e linho. O corselete de bronze era considerado “antiquado” no período das Guerras Médicas, já que o de linho, inventado por volta de 525 a.C, era mais flexível e confortável ao clima quente. Ainda assim, naturalmente a armadura de bronze oferecia mais proteção contra perfurações apesar do seu peso extra. Os hoplitas utilizavam também um elmo de bronze que cobria toda sua cabeça, deixando apenas aberturas para os olhos, nariz e boca. Estes eram forrados por dentro com uma camada de couro para um certo conforto. Para completar sua armadura eles utilizavam caneleiras, também de bronze, que protegiam toda a região abaixo dos joelhos. A estrutura da armadura grega não possuía armadura na região das coxas, pois o escudo com seu tamanho protegeria o soldado da altura do ombro/queixo até o início das caneleiras no joelho. Para

concluir seus equipamentos, eles utilizavam como arma principal a lança longa que poderia ter até 2,5 metros de comprimento. Era uma arma muito útil para se utilizar em conjunto com o escudo, já que o hoplita poderia atacar de uma distância segura com estocadas e manter o escudo alto para evitar danos. Os gregos também utilizavam uma espada de apenas um gume, sendo esta uma arma secundária, já que a sua utilização requeria um combate mais próximo e fora da sua formação de falange. Dito isso, podemos partir para os equipamentos e armamentos dos persas.

O exército persa era mais organizado e complexo em comparação ao dos gregos, possivelmente pela não unificação das cidades-estado que não impulsionava a formação de um exército de grande escala. Sendo assim, este grande exército da Pérsia era dividido em unidades diferentes, com armas e equipamentos específicos. A infantaria persa era formada em sua maioria por soldados iranianos, mas também contava com membros de outros povos dominados pelos persas, como o próprio Heródoto (2013) aponta em seus relatos, por isso sua armadura variava um pouco, mas no geral era um traje leve, diferente dos aparatos pesados da armadura grega. Quanto aos seus armamentos, Fields (2006) ilustra que os persas utilizavam uma adaga longa de dois gumes, maleável pelo seu tamanho e útil para combates de curta distância, pode-se observar exemplos de imagem no **anexo B**. Além disso, utilizavam também uma lança, porém curta e mais leve, mais utilizada para o arremesso, outro armamento leve para combates próximos eram os machados de guerra. Os arqueiros do exército, que eram parte crucial nas suas estratégias, como veremos adiante, utilizavam um equipamento muito interessante, uma espécie de aljava que servia também para embainhar a sua principal arma, o arco composto.

Este arco media cerca de 1,2 metros e era uma arma muito valorizada na cultura persa, como já foi evidenciado neste artigo. Os persas utilizavam setas ocas que permitiam um alcance maior por sua leveza. Por último, mas não menos importante, a cavalaria persa, que possuía também um forte valor cultural. Os cavaleiros persas podiam utilizar armaduras leves de linho reforçado, mas também couraças mais pesadas de ferro, que proporcionavam mais proteção, além de utilizarem elmos para a proteção da cabeça, diferentemente da infantaria. Para atacar eles carregavam lanças não tão curtas como as da infantaria, possibilitando golpes de estocada de cima do cavalo. Todos estes aspectos do equipamento da cavalaria ficam evidenciados em documentos babilônicos da época do reinado de Dario II, como demonstra Fields (2006).

Apresentados devidamente os equipamentos dos respectivos exércitos em confronto, podemos continuar com a descrição e análise da batalha em si.

A escolha do local para organizar a defesa dos gregos não foi aleatória, Leônidas provavelmente compreendia a desvantagem numérica de suas tropas. Assim, seu intuito era

utilizar a geografia natural da região para diminuir ou neutralizar a vantagem numérica persa. O desfiladeiro de Termópilas trata-se de um corredor estreito na encosta dos montes Calíndromo, que possuía do seu lado oposto uma queda que levava ao Golfo Málico. Desta forma, a posição específica tomada por Leônidas, conhecida como o Portão Central, possuía uma largura aproximada de 15 metros, sendo que no flanco esquerdo os gregos estariam protegidos pela encosta escarpada das montanhas, impedindo que os arqueiros persas (uma arma muito útil) tomassem posições no terreno superior, além de impedir que o número superior de soldados cercassem por terra a falange grega. Apesar de simples, a estratégia se demonstrou muito eficiente, já que a defesa durou por três dias de confronto.

O local também dificultava a utilização das estratégias persas, já que suas principais armas, os arqueiros e cavaleiros, possuíam desvantagens neste terreno. Além disso, a tecnologia utilizada pelos persas em suas flechas possibilitava um disparo mais longo, porém com menor efeito de penetração em armaduras e escudos, como os de bronze dos gregos, desta forma, para subjugar-los, os persas teriam que inevitavelmente partir para o confronto direto e frontal.

É neste aspecto que reside o principal fator para que a estratégia de Leônidas funcionasse. Para ilustrar isso, deve-se observar a maneira de guerrear dos gregos, como explica Fields (2006, p.27):

Os gregos desenvolveram aquilo que Hanson chamou a <<forma ocidental da guerra>>, uma colisão cabeça com cabeça de soldados numa planície aberta, numa magnífica revelação de coragem, compleição física, honra e jogo justo. Consequentemente, sentiam repugnância pelas emboscadas, pelas esparrelas, pelos ataques enganosos e pela participação dos não combatentes. Para os helenos, também não era uma honra lutar à distância...

Considerando estas informações, percebe-se que os gregos estavam muito mais habituados ao combate frente a frente. Neste terreno que escolheram realizar sua defesa, o embate estaria, inicialmente, restrito ao combate direto, sem a possibilidade de os adversários flanquearem sua falange. Por isso reafirmo, ao contar com o combate direto, a batalha se equilibrava, mesmo diante da diferença numérica entre os exércitos.

Somado a este fator, as táticas de batalha dos persas eram fundamentadas em uma ação conjunta entre os arqueiros, a infantaria e o apoio da cavalaria. Os arqueiros disparavam algumas vezes inicialmente, uma forma de estudar a reação dos inimigos. Após isso a infantaria iniciava um ataque direto, de maneira que a cavalaria surpreendia os adversários pelos flancos. Este modo de combate era muito cauteloso e inteligente, por isso os persas devem ser respeitados como militares à frente de seu tempo, no entanto, essas táticas se tornam inviáveis devido ao terreno específico da batalha de Termópilas.

Como já observamos no capítulo anterior, Heródoto em suas descrições extrapola o limite da razão em suas afirmações sobre os números persas, apresentando um contingente de um milhão e setecentos mil soldados. Estes números são drasticamente reduzidos à medida que a história moderna e especialistas, analisando alguns aspectos como: a topografia, logística (alimentação, suprimentos e movimentação), a organização do exército regular (Spada) e as ordens de batalha oficiais. Considerando estes elementos, Fields (2006) apresenta uma estimativa razoável entre sessenta e setenta mil homens. Percebemos uma disparidade enorme, entre os escritos clássicos e o que a história moderna aponta como mais próximo da realidade.

Mesmo considerando estes números mais realistas e menos idealizados, a força persa ainda era um exército muito grande para as proporções de batalhas da época. Quanto ao número de gregos que formavam o exército liderado por Leônidas, existem algumas divergências, já que por parte de Heródoto é dito que a força enviada para a batalha era apenas um contingente inicial, que deveria aguardar por reforços. Existem também teorias que indicam que os gregos possuíam a intenção de lutar com o máximo de soldados possíveis nas Termópilas. De qualquer forma, Fields (2006) aponta que haviam cerca de sete mil homens de diferentes cidades-estados gregas nesta batalha. Juntamente com trezentos espartanos, Heródoto coloca que havia um hilota de serviço para cada soldado, mas é importante ressaltar que os Periécicos, homens livres moradores dos arredores de Esparta também costumavam ser convocados para lutar no exército, ou seja, pode-se considerar que haviam mais combatentes do que os números apresentados nos escritos clássicos e no monumento à memória desta batalha, citado também por Heródoto.

É interessante perceber que as estatísticas e números apresentados pelos gregos, reforçam ainda mais o grande feito em combater e repelir os exércitos persas, no contexto das Guerras Médicas como um todo, apresentando poucos números para os gregos e extremos para os persas. O fato é que especificamente, na batalha de Termópilas, os gregos estavam em séria desvantagem.

Voltando a batalha em si, já posicionados no Portão Central do desfiladeiro, os hoplitas gregos reforçaram uma construção antiga, um muro construído pelos povos da Fócida para proteção de suas terras. Além da reconstrução do muro, Leônidas também posicionou defesas em diferentes trilhas que poderiam ser utilizadas pelos persas para flanquear os gregos. A trilha mais importante a ser defendida era denominada “o caminho de Anopeia”, que levava diretamente à retaguarda da posição defendida por Leônidas, como demonstra o **anexo C**.

No início do combate Xerxes, sem outra opção, comanda um ataque direto à falange grega, considerando todos os aspectos sobre o terreno e as estratégias dos exércitos já apontadas anteriormente. Mesmo que o ocorrido a seguir tenha origem nos relatos de Heródoto, o

historiador Nick Fields, que também atuou em serviço militar, ilustra como é plausível a eficácia da defesa espartana, considerando o elemento surpresa como um fator crucial para ganhar vantagem na arte da guerra. O elemento surpresa neste caso encontra-se não só no ambiente limitado para a execução das estratégias persas, mas também na maneira de lutar que os espartanos, como militares profissionais (os primeiros no mundo grego) conduziam seus combates. A movimentação da falange descrita por Heródoto também faz muito sentido lógico, já que os espartanos estariam atraindo as levas persas em uma suposta retirada, para um combate direto, vencendo a distância com suas longas lanças e evitando uma posição fixa para a mira dos arqueiros recuados dos persas, (o **anexo D** ilustra em detalhes a movimentação descrita) neste trecho pode-se creditar a versão da batalha descrita pelo pai da História. Após este primeiro embate, Xerxes teria enviado seu batalhão de elite para combater de frente a falange grega, já que ele considerava que a habilidade de seus guerreiros superaria as limitações do terreno. O resultado foi o mesmo, a estratégia e utilização do terreno superando os números maiores.

Durante o segundo dia, é dito que os combates ocorriam da mesma maneira, onde cada contingente dos povos gregos revezava a atuação na linha de frente, assim os companheiros do turno anterior poderiam se recuperar e descansar para a próxima vez. Com estas informações sobre o desenrolar dos acontecimentos referentes à batalha, podemos nos indagar como os persas superaram as dificuldades que o terreno lhes proporcionava. É neste momento que se deve considerar a importância do conhecimento da região, sua geografia e mapeamento, seja em qualquer período da história, nos conflitos e guerras. O exército invasor que possui pouco conhecimento da região de atuação, estará sempre em grande desvantagem, mesmo que possua mais recursos, contingente numérico e tecnologias superiores. Se pensarmos nestes aspectos apontados, pode-se fazer um paralelo com a Guerra do Vietnã, onde as tropas estadunidenses, mesmo com os recursos e tecnologias bélicas superiores, em diversos momentos se viram em desvantagem contra os povos da região que utilizavam estratégias de guerrilha para se defender em seu território com aspectos geográficos incomuns aos norte-americanos.

No que se segue o conflito no desfiladeiro, existem divergências sobre o motivo da derrota dos gregos. É natural o pensamento de que em determinado momento os constantes ataques apoiados pelos números superiores dos adversários iriam desgastar as tropas gregas até que eles fossem inevitavelmente derrotados. Porém, se assim simplesmente fosse, os gregos poderiam recuar para outros pontos do desfiladeiro e até mesmo bater em retirada. A teoria que Heródoto apresenta, sobre o traidor grego que teria guiado os persas pelo caminho de Anopeia, faz bastante sentido, considerando que foram identificadas algumas trilhas (**anexo E**) que se

direcionam ao local onde autor apontou como a resistência final dos gregos, lutando cercados pela frente e retaguarda. É necessário ressaltar também algumas evidências arqueológicas encontradas em 1939 pelo arqueólogo Spyridon Marinatos que comprovam o combate e queda dos guerreiros gregos neste local mais recuado do caminho estreito. Entre os vestígios encontravam-se diversas pontas de flechas com três gumes, características do exército persa, além de pontas de bronze, provavelmente de lanças gregas. Essas evidências corroboram com os relatos de Heródoto, ao menos no que diz respeito ao local do conflito, equipamentos utilizados e também da movimentação que flanqueou as defesas gregas.

Ainda nos relatos de Heródoto, é dito que o rei Leônidas já estava ciente da chegada dos Imortais pelo caminho de Anopeia, mesmo assim, ele teria escolhido ficar no local e lutar até o último homem. Estes relatos de Heródoto podem ser mais uma de suas tentativas de glorificar os guerreiros gregos, que mesmo diante da morte certa teriam escolhido lutar até o fim. É necessário observar com um olhar mais crítico este acontecimento, já que os objetivos de Leônidas em se manter no local, podem ter sido mais realistas e práticos. Por exemplo, era necessário que um grupo se retirasse, não só para poupar tropas para futuros embates, mas também para avisar os gregos sobre a sua derrota e o avanço do exército de Xerxes. Ainda assim, se todos batessem em retirada seriam alcançados pela cavalaria persa e mortos antes de qualquer contato. Considerando isto, Leônidas precisaria que um grupo ficasse no local para atrasar os persas e garantir a retirada das tropas, sendo que, se o próprio ordenasse que ficassem outras tropas enquanto ele e os espartanos fugiam, é provável que os hoplitas iriam se render ao primeiro sinal do ataque inimigo. Sendo assim, sua decisão em se manter no campo de batalha com um contingente menor e de confiança é muito mais lógica do que heroica ou sentimental, ainda que um ato de coragem e sacrifício.

Assim termina, após três dias de resistência, a famosa batalha de Termópilas, com a retirada da maior parte do pequeno contingente grego e o sacrifício do grupo menor que contava com a presença do rei espartano que comandava a defensiva. Heródoto (2013) afirma ainda que o rei Xerxes ordenou que a cabeça de Leônidas fosse empalada em uma lança para exposição no campo de batalha, mas também discorre sobre como os espartanos ainda lutaram para recuperar o corpo de seu rei. Este é mais um momento que permeia o mito e a história em seus escritos, poderia esta afirmação simplesmente ser um intuito de demonizar ainda mais os persas, como também glorificar os espartanos, dito isto, devemos lembrar da questão do argumento *Eikos* e a maneira do pai da história de contar suas histórias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo trabalhado ao longo deste processo de desmistificação, foi a busca por mais conhecimento sobre a antiguidade, fora dos povos gregos e romanos. Compreender a diversidade humana neste período serve para difundir culturas ricas que podem muito nos ensinar e que foram ao longo do tempo sendo deixadas de lado. O mundo antigo vai muito além de Grécia e Roma, ainda que estes foram povos importantíssimos na história da humanidade, os persas contribuíram muito para o desenvolvimento das civilizações. Através de sua cultura fascinante, podemos aos poucos enxergar além dos estereótipos colocados sobre os povos do oriente-médio, que muito sofrem até os dias de hoje, com a influência de povos estrangeiros em seu território.

Para concluir, trago novamente as questões apontadas no início deste artigo, que após todo o processo de contextualização dos principais povos envolvidos, a visão caricata e nacionalista dos escritos clássicos de Heródoto, bem como os principais aspectos da batalha em si, pôde-se atingir os objetivos e respostas propostos pelo estudo. Foi possível observar o valor cultural da sociedade persa, além de desconstruir a imagem caricata de opressores ambiciosos que conquistavam e lutavam apenas pela fome insaciável de seu imperador.

Também foi demonstrada e caracterizada a sociedade espartana de uma maneira não idealizada, identificando as falhas e aspectos positivos de sua forma de governo e cultura, afastando-as das visões romantizadas que movimentos conservadores, já citados neste artigo, possuem sobre este povo, de maneira que seus modos de vida jamais podem refletir a realidade das sociedades modernas, que devem buscar outros caminhos para o progresso. Na história de nosso continente experienciamos em diversos países as consequências de um país voltado totalmente a militarização e ao poder centralizado neste aspecto. Por isso é importante diferenciar o contexto histórico que os espartanos atuavam em sua pólis.

Ficaram evidenciados os preconceitos e mitos difundidos por Heródoto em suas obras, que refletiram muito na sociedade ocidental ao longo do tempo, bem como a importância de suas tentativas de reconstruir uma história tão importante sobre as civilizações antigas de nosso mundo.

Por fim, o artigo demonstra a possibilidade de se trabalhar temas importantes como este com uma visão científica e crítica, apresentando a riqueza cultural de todos os povos envolvidos e a complexidade de suas relações políticas. Utilizando este método, com certeza pode-se, aos poucos, difundir uma visão menos eurocêntrica e idealizada para os estudantes de todos os meios, seja na educação básica ou dentro das universidades. Trabalhar e visitar estes

temas é mais do que simplesmente admirar os acontecimentos do passado, mas principalmente, desconstruir conceitos antigos e preconceitos perpetuados ao longo da história.

REFERÊNCIAS

CONDILO, Camila. **Mito e história nas Histórias de Heródoto**. Ouro Preto/MG: História da Historiografia n.26, 2018.

DURANT, Will. **A história da Civilização. Nossa herança clássica**. Rio de Janeiro: Record, 1995.

FIELDS, Nick. **Grandes batalhas: Termópilas 480 a.C. A resistência dos 300**. Grã-Bretanha: Osprey Publishing Ltd., 2007.

HICKS, Jim. **Origenes del Hombre: Los Persas**. Barcelona: Ediciones Folio, Time Life, 1994.

HERÓDOTO. **História. Clássicos da literatura universal**. Montecristo Editora, 2013.

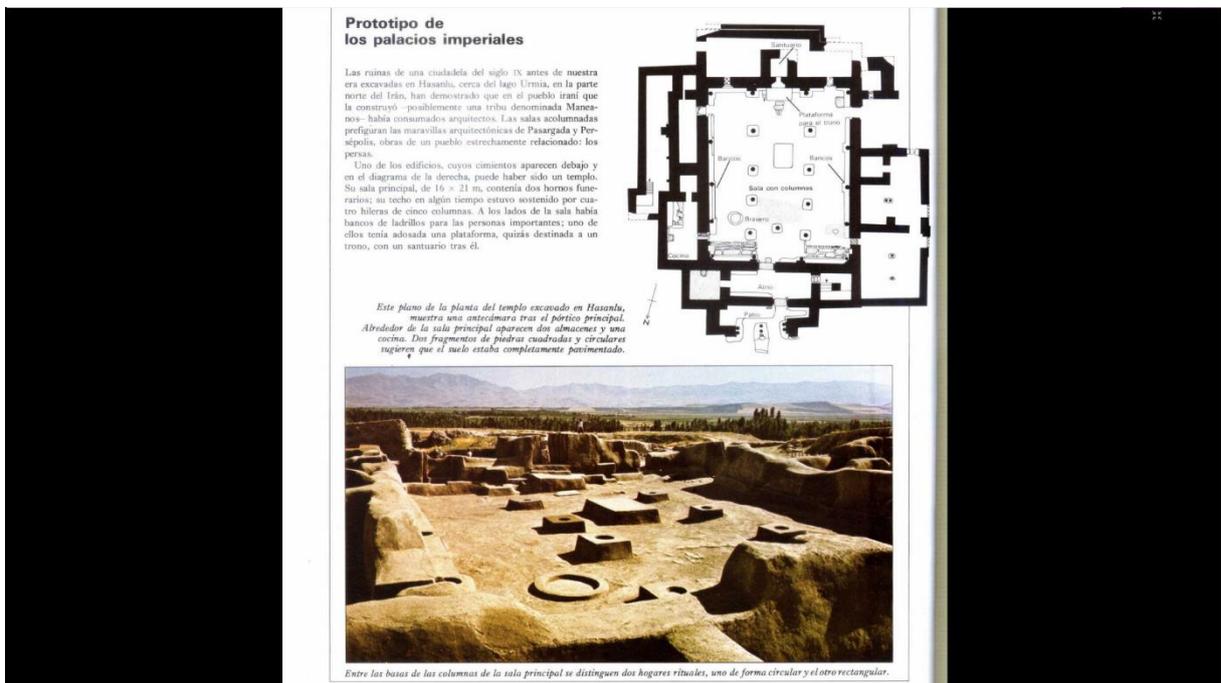
MARTIN, Thomas R. **Ancient Greece: From Prehistoric to Hellenistic Times**. 1996.

POMEROY, Sarah B. BURSTEIN, Stanley M. DONLAN, Walter. ROBERTS, Jennifer Tolbert. **A brief history of ancient Greece: Politics, Society, and Culture**. New York, Oxford: 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

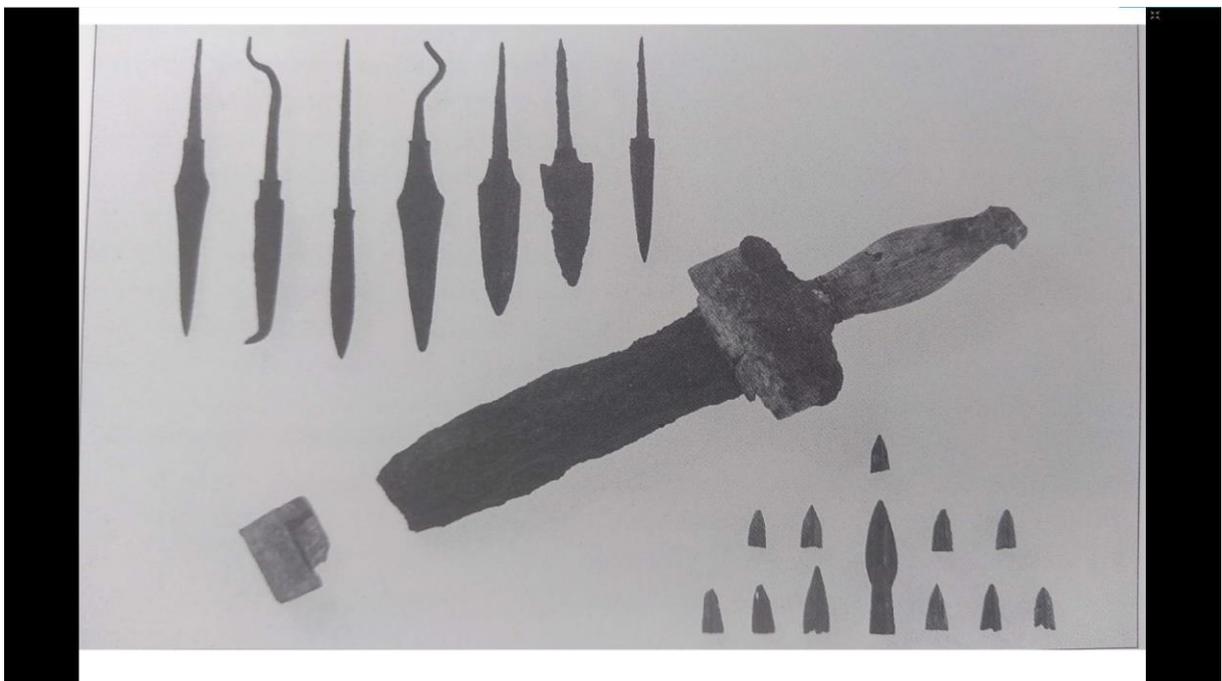
RAMALHO, Ângela Maria Cavalcanti. MARQUES, Francisca Luseni Machado. **Os métodos de pesquisa**. UFRN, UEPB, 2009.

ANEXO A – PLANTA ARQUITETÔNICA E RUÍNAS PERSAS



Fonte: HICKS (1994)

ANEXO B – ADAGAS DA INFANTARIA PERSA



Fonte: FIELDS (2006)

ANEXO E – TRILHA DO POSSÍVEL CAMINHO DE ANOPEIA (DIAS DE HOJE)



Fonte: FIELDS (2006)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, que apoiou desde o início meu sonho de trabalhar com uma ciência que sempre valorizei e respeitei, mas que muitos desvalorizam dentro da realidade de nosso país. Também devo agradecer a todos os professores do curso de História da Unisul, que ao longo deste processo de crescimento me proporcionaram uma mentalidade mais crítica, além de uma visão aberta para as diversidades e dinamicidade da cultura.

Todos os professores de maneira geral merecem agradecimentos também, por conduzir esta profissão tão importante que contribui para a formação de sonhos e ambições de crianças, jovens e adultos no mundo todo.

Por fim, agradeço em especial ao professor Ricardo Neumann, que orientou esta pesquisa e me auxiliou em diversos momentos em que me senti perdido no meio de tantos elementos a serem discutidos neste artigo, também a professora Bruna Caetano, que me proporcionou conselhos e material bibliográfico para complementar os estudos presentes neste artigo.